

**Recensão de *A Menina Gigante*,
de Manuel Jorge Marmelo e Maria Miguel Marmelo
(ilustrações de Simona Traina)**

Ana Margarida Ramos
Universidade de Aveiro
aramos@dlc.ua.pt

A publicação recente de *A Menina Gigante* é mais um bom exemplo da vivacidade que a Literatura Infantil escrita em língua portuguesa tem conhecido nos últimos tempos. Depois de um conjunto cada vez mais alargado de autores que, escrevendo principalmente para adultos, se têm aventurado nos caminhos, nem sempre fáceis e lineares, da escrita para crianças e jovens, chega a vez de Manuel Jorge Marmelo, conhecido jornalista e escritor de obras como *Português Guapo y Matador* ou *As mulheres deviam vir com livro de instruções* (1997 e 1999, Campo das Letras), que reparte a autoria deste texto com a sua filha. Segundo o próprio, a ideia para esta história terá mesmo surgido num texto de Maria Miguel Marmelo que, depois, foi reescrito por ambos.

A intriga gira em torno da personagem principal que dá título ao conto – Ana Grande, a menina gigante – e dos seus complexos e dificuldades de adaptação ao meio causados pela sua altura elevada. O conflito reside na diferença sentida pela protagonista em relação aos que a rodeiam, sobretudo os pais e os amigos, assim como nas dificuldades que tem em se aceitar tal como é. Nesta perspectiva, o conto revela grande pertinência ao tocar, ainda que de forma simples e acessível, na problemática da diferença do outro e da sua aceitação, valorizando de forma positiva, sobretudo no desenlace, pela reinstauração do equilíbrio, essa alteridade.

Veja-se que, logo na primeira página, aquando da apresentação da protagonista, é estabelecida uma relação de proximidade com o destinatário preferencial do texto, sempre tratado por tu e utilizado, inclusivamente, como elemento de comparação, incentivando à sua identificação com Ana Grande, uma criança igual a todas as outras. O narrador, para além da referência à idade, apresenta os hábitos, comportamentos e gostos da personagem de forma mais ou menos tipificada. O elemento que a distingue das outras crianças, incluindo do leitor, sempre utilizado como ponto de referência, simulando o narrador um discurso que

Ihe é particularmente dirigido, é a sua altura, que só surge a partir da segunda página, e de forma algo surpreendente, aspecto marcado na ilustração pela opção da perspectiva apresentada. Neste caso, o narrador não se limita a dar conta da sua extraordinária altura, mas apresenta, suscitando o cómico de situação e a visualização do leitor, exemplos concretos onde essa diferença é visível. Essa sua característica particular torna-a alvo das maldades e da crueldade dos colegas, isolando-a do grupo e conduzindo-a à reflexão sobre a razão da sua diferença e, inclusivamente, à questionação da sua própria identidade. E é exactamente nesse momento que Ana Grande descobre que é uma criança adoptada, o que a perturba ainda mais, causando-lhe grandes conflitos interiores. A resolução para o seu problema reside, contudo, num encontro inesperado com uma personagem que, grande como ela, lhe oferece uma perspectiva positiva da sua diferença, na qual Ana Grande nunca tinha pensado, abrindo-lhe caminho à prática de um desporto onde ela é valorizada e muito útil. Assim, desta forma aparentemente tão simples mas também tão eficaz, a protagonista descobre um lugar útil para ocupar no pequeno universo a que pertence, recebendo a amizade e o reconhecimento de todos os que a rodeiam.

As ilustrações, de Simona Traina, muito coloridas e com alguma preocupação com o pormenor, promovem, igualmente, a identificação das crianças leitoras com o universo da protagonista, pela reprodução de espaços e de objectos que lhes são comuns, como o quarto, a casa, a escola e o parque. O destaque que é dado ao tamanho da protagonista e à reprodução visual dos seus estados de espírito pela expressividade do traço e do colorido é ainda particularmente visível logo na imagem exterior do livro, onde Ana Grande ocupa capa e contracapa, numa justificação gráfica do epíteto de gigante, de que o título é a metáfora chave para a leitura.

Reflectindo sobre a questão da aceitação e respeito pela diferença, seja ela qual for, sem apresentar uma moral ou normas de conduta explícitas ou um discurso acentuadamente pedagógico, este conto permite à criança perceber, a partir de um exemplo concreto, perfeitamente verosímil, até porque, como é referido na contracapa «esta é uma história de verdade, sobre uma menina que talvez esteja sentada ao vosso lado, na escola, ou baloiçando, para lá e para cá, no baloiço desse parque», a necessidade que todos têm de ser aceites e de se integrarem num grupo, além de promover uma visão optimista e positiva da vida, onde mesmo os defeitos

se podem transformar em virtudes, dependendo só da perspectiva utilizada para os observar. Apelando, implicitamente, àquilo que as crianças têm de melhor, a sua capacidade de amar, a história de Ana Grande é, afinal, a história de todos os meninos que, por qualquer razão e em qualquer altura, fruto até do seu processo natural de crescimento ou de traços de personalidade, têm dificuldade em encontrar o seu espaço num mundo sempre em mudança.

A Menina Gigante, Manuel Jorge Marmelo e Maria Miguel Marmelo
(ilustrações de Simona Traina), Porto, Campo das Letras, 2003